

ENTREVISTA

Atualizando as reflexões transmasculinas negras brasileiras: Entrevista com o cientista político Marcelo Caetano

**Marcelo Caetano¹
Leonardo Morjan Britto Peçanha²**

Resumo: O debate sobre transmasculinidades negras no Brasil, tornou-se público em meados de 2014. No ano de 2015 duas entrevistas marcaram a presença da narrativa transmasculina negra no cenário nacional. Uma com Marcelo Caetano e outra com Leonardo Peçanha. Anos depois a Revista Brasileira de Estudos da Homocultura reúne os dois nesta entrevista marcada pela centralidade do tema transmasculino negro. Leonardo entrevista o amigo e cientista político Marcelo Caetano, atualizando e relembrando reflexões e especificando as demandas das transmasculinidades negras brasileiras.

Palavras-chave: transmasculinidades negras, representação política, racismo, transfobia

¹ Cientista político, bancário e poeta. Homem negro e autista, apaixonado por seus cachorros e pela cultura hip hop. Navegando uma intensa jornada para viver suas diferenças com coragem e amor à vida.

² Professor, pesquisador, escritor e ativista. Membro da equipe do editorial da revista Brasileira de Estudos da Homocultura (REBEH). Homem negro trans, organizador e autor do livro “Trasmascunidades Negras - Narrativas plurais em primeira pessoa (2021), pela editora Ciclo Continuo Editorial. Doutorando em Saúde Coletiva (IFF/FIOCRUZ).

As discussões sobre transmasculinidades negras chegaram ao Brasil de forma pública em 2014 (PEÇANHA, 2021). No Rio de Janeiro o evento “Negritude e Construção de Gênero” realizado na Casa 24, contou com a participação de Dora Santana, Alessandra Ramos Makkeda e Leonardo Peçanha que nortearam o debate com a presença de diversas pessoas do movimento social LGBTI+ e do movimento negro, além de pesquisadores e demais representações da sociedade civil.

As transgeneridades foram abordadas de forma interseccional com as questões de raça e classe. Peçanha em sua apresentação relatou as demandas e as especificidades das transmasculinidades negras, que naquele momento já apontavam diferenças entre as demais transmasculinidades.

Em 2015 duas entrevistas marcaram o debate sobre o tema. Marcelo Caetano foi entrevistado por Jarrid Arraes pela revista Fórum e Leonardo Peçanha no mesmo ano por Neto Lucon para NLucon³. Ainda em 2015, Leonardo é entrevistado pelo Canal das Bee sobre o tema Negritude e Transmasculinidades⁴.

Nas três entrevistas o debate racial ganha força enquanto centro da discussão interseccionando com a condição de ser homem trans no Brasil. Perceber a intersecção que existe na experiência transmasculina negra é importante para entender como as violências estruturais agem sobre corpos que são atravessados socialmente por marcadores sociais da diferença (SANTANA, 2019).

Cada vez mais homens negros trans e transmasculinos negros começaram a se posicionar enquanto negros trans. Além de textos, artigos e escrituras transmasculinas negras começaram a ganhar lugar no ativismo. O Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros (2015), nasce em conjunto com as travestis e mulheres trans negras, onde o Núcleo das Transmasculinidades Negras se faz presente.

³ Hoje a entrevista está disponibilizada no Portal Geledés.

⁴ Link do vídeo sobre Homem Trans e Racismo do Canal das Bee:
<https://www.youtube.com/watch?v=h9c9RJByUZk&t=9s>

O site Negros Blogueiros (2015) também, começa ser um espaço de referência enquanto narrativa transmasculina negra brasileira.

Hoje, muitos ativistas e homens negros trans e transmasculinos negros em diversas áreas vem visibilizando as epistemologias transmasculinas negras de forma plural. Ainda existe muita invisibilização e os corpos transmasculinos negros são os que ainda perpassam por diversas questões de racismo, transfobia e demais violências, porém é importante ressaltar que somos também potência!

Artistas, poetas, músicos professores, artistas etc, assim como pode ser visto no livro Transmasculinidades Negras - Narrativas Plurais em Primeira Pessoa (2021) pela editora Ciclo Contínuo Editorial, primeiro livro no Brasil exclusivamente abordando o tema, podemos perceber que se não fosse as violências estruturais e a invisibilização, tendo oportunidades muitos iriam ser vistos cada vez mais.

Para atualizar o debate sobre o tema das transmasculinidades negras no Brasil, Leonardo Peçanha entrevista Marcelo Caetano. Como objetivo a entrevista visa mostrar avanços e lacunas sobre as demandas específicas das transmasculinidades negras no Brasil.

Leonardo Peçanha: Marcelo, quero te agradecer à sua disponibilidade, ao seu “aceite” de estar aqui conosco pra gente trocar essa ideia hoje. E o nosso convidado da entrevista é o poeta, cientista político, educador social Marcelo Caetano, grande amigo. Primeiro, queria pedir que você se apresentasse como você se sentir confortável e depois a gente começa a trocar uma ideia. Obrigado, Marcelo.

Marcelo Caetano: Não, imagina, Léo! “Tamo” junto! Bom, meu nome é Marcelo Caetano, eu tenho 32 anos, sou cientista político e formado pela Universidade de Brasília. Sou natural de Santos, litoral de São Paulo, mas, há cerca de 10 anos, moro aqui em Brasília. Acho que é isso.

Leonardo Peçanha: Bom, eu lembro que, em 2015, mas precisamente, 2014/2015, começaram a ter algumas falas públicas contextualizando, especificamente, o contexto das transmasculinidades negras no Brasil. Você deu uma entrevista pra um jornalista, se eu não me engano agora, Jarid Arraes, para revista Fórum. O que, pra mim, especificamente, foi um marco e, a partir daquele momento, que eu já te conhecia, passei a gostar mais ainda. Eu me lembro que, naquela discussão, você trouxe algumas percepções da época, em 2015. Hoje, sete anos depois, queria que você pudesse dizer as suas percepções atuais sobre o que você pensa sobre as questões relacionadas aos debates sobre as questões raciais e de gênero no Brasil, se você percebeu algum avanço, se percebeu que as coisas estacionaram ou se retrocederam. Qual a sua análise? E se puder mediante a isso conte um pouco sobre sua trajetória.

Marcelo Caetano: Bom, a minha trajetória como homem trans, o momento em que eu passei a me identificar dessa forma, começou em 2009, quando eu me aproximei do movimento LGBT e conheci algumas mulheres trans. Eu me lembro que naquela época não tinha sequer um nome. Não existia a palavra “homens trans”, “transmasculinidades”. Me lembro que algumas pessoas usavam o termo exportado que era FTM, da sigla em inglês Female-To-Male. E era meio a palavra que tinha pra dizer, assim, o que que era, então era uma experiência que não tinha nome e as coisas, elas só existem quando elas têm um nome, né. A gente sabe que uma coisa é uma coisa porque a gente sabe o nome dessa coisa, então eu sei que uma pessoa é uma pessoa porque eu sei o nome dela ou um objeto é um objeto porque eu sei o nome desse objeto. E não tinha, não tinha nome, assim, e como é que eu explico? Eu sabia dizer que, ah, beleza, quando eu nasci pessoas disseram que eu era uma menina e agora, na minha vida adulta, quando eu passei a entender quem eu era, eu me identifico como um homem mas eu não tinha um nome pra explicar essa experiência e pra mim isso é um sinal, assim, bem forte

mesmo de um não-lugar, de uma não-existência, né?! Não tinha como dizer o que eu era, quem eu era, como definir essa experiência, né, eu acho que, com a internet, com o crescimento das redes sociais, esse lugar foi fundamental pra construir essa experiência. Acho que por várias razões, né? Porque você consegue se conectar com pessoas de diferentes lugares, sem necessariamente conhecer essas pessoas, sem necessariamente estar junto, porque você consegue se conectar sem, necessariamente, precisar se expor, se expor muito. E eu acho que essa foi uma questão pra vários caras e acho que pra mim também, assim, de ter algum lugar pra falar sobre isso, pra trocar sobre isso, quando ainda, talvez, eu não tivesse muita certeza de quem eu era. Enfim, a primeira vez que eu ouvi falar sobre transsexualidade, na real, foi quando eu cursava Direito, na Universidade Federal do Paraná, e, numa aula lá de Direito Civil a professora tava falando sobre casos difíceis e ela foi falar sobre o caso de mudança de nome, tal, porque na época era um processo que precisava ser judicializado e, cara, quando ela começou a explicar ali o que era e tal, minha cabeça deu meio que um estalo, assim: nossa, acho que é isso, faz todo sentido, assim, da maneira como eu me entendo, com que eu me vejo. Tanto que, pra mim, foi um processo super rápido, assim, acho que, tipo, em uma semana eu entendi que era isso, e é isso que eu vou fazer. E aí eu transformei algumas coisas na minha vida, né, tipo, na época eu tinha um cabelo gigantesco, assim, e foi uma das primeiras coisas que eu fiz, como marcador de identidade masculina, foi cortar o cabelo e eu acho que isso é bastante significativo. Existe uma questão muito forte em relação ao cabelo de pessoas negras, em relação ao cabelo de mulheres negras, enquanto eu crescia enquanto uma menina sempre foi uma grande questão o meu cabelo, tal. Fui criado por um pai branco, que não sabia muito o que fazer com o meu cabelo, não tinha muitas referências, então sempre foi uma grande questão. E aí, pra mim, o principal marcador foi cortar o cabelo e eu fui falar com uns amigos tipo: ah, beleza, isso aqui, eu preciso arranjar um nome. E aí, conversando com alguns amigos, a gente chegou em Marcelo Caetano. Eu achei o nome bonito, achei um

nome forte, achei que funcionava, que me identificava e passei a pedir pras pessoas me tratarem dessa forma. Eu vejo uma mudança muito muito grande, assim, nesses 13 anos, mais ou menos, né? 2009 pra cá. Essa mudança da linguagem, acho que ela é fundamental, tanto que a gente tem uma palavra pra dizer homens trans, pessoas transmasculinas, quanto também a gente tem uma palavra pra falar das pessoas cis, né? Eu lembro que as pessoas usavam coisas como “mulheres biológicas”, “homens biológicos”, “homens de verdade”, “mulheres de verdade”, “pessoas normais”, né? Eu acho que o advento da palavra “cis”, assim, inclusive acho que é um termo que hoje tá super incorporado mesmo no vocabulário. Eu não vou dizer: “ah, todas as pessoas conhecem”, e tal. Mas eu acho que já tá fora de um nicho. Não são mais só pessoas trans ou pessoas LGBT que usam a palavra “cis”, inclusive esse termo vem sendo usado em vários e vários lugares diferentes, então eu acho que ter palavras pra nomear as coisas, elas representam sempre uma grande mudança, representam sempre uma possibilidade de uma existência com mais dignidade, quando você tem palavras pra nomear o prazer da sua experiência e pra nomear e dizer da experiência do outro também, né. Eu acho super importante, assim, a gente ter uma palavra pra falar das pessoas que não são trans e eu preciso nomear só o exótico, só o diferente? Que seriam as pessoas trans, esse contraponto ao que, entre muitas aspas, “normal”, que as pessoas dizem, né. As pessoas que não são trans, as pessoas cis, elas também têm uma experiência de gênero, embora, muitas vezes, queira-se dizer que não, todas as pessoas têm uma experiência de gênero, pelo menos na nossa sociedade ocidental sim. Essa é uma marca que é inevitável, né, antes de você nascer as pessoas vão lá ver o seu ultrassom pra saber se você é um menino ou uma menina e, a partir daí, organizam a sua vida. Então, elas decoram o quarto de um jeito, elas compram determinado tipo de roupa, elas criam umas expectativas sobre o que você vai ser ou o que você vai querer ser ao longo da sua vida. Então existe uma experiência de gênero mesmo que perpassa todo mundo, assim. Hoje a gente consegue ver pessoas trans em vários lugares. Não to

dizendo aqui que “ah, pessoas trans ocuparam todos os espaços e estamos todos no mesmo lugar.” Definitivamente isso não é uma realidade. Até porque é isso, assim, quando a gente vê pessoas trans em espaços de visibilidade, em espaços de poder, em espaços de decisão, na grande maioria das vezes essas pessoas trans são brancas. A gente teve alguns personagens na novela, por exemplo, né, que é uma coisa que gera bastante repercussão, que gera bastante conversa na sociedade, muito debate social, e eu, pelo menos, não me lembro, assim, de nenhum personagem que tenha sido negro nessas novelas brasileiras, né, todas essas pessoas eram brancas. Então ainda existe uma diferença muito grande, assim, no que significa ser uma pessoa trans negra e o que significa ser uma pessoa trans branca. Até porque, mesmo sendo cis, é muito diferente ser uma pessoa cis branca e ser uma pessoa cis negra, né? A nossa sociedade, a sociedade brasileira, ela é uma sociedade absolutamente fundada numa divisão racial, em todos os termos e em todos os lugares, né? Seja em termos de educação, em termos de política, em termos econômicos, porque, no final das contas, todas as coisas numa sociedade capitalista meio que acabam nos termos econômicos. E aí quais que são as referências que a gente têm do que é ser uma pessoa negra, do que é ser um homem negro, quando eu vejo, por exemplo, algum tipo de exaltação, de referência a homens negros, existe uma figura muito específica, um estereótipo muito bem tratado, né, que eu costumo brincar e tratar de “Complexo Michael B. Jordan”, que é um ator americano e é a figura do homem negro por excelência. Que é um homem negro alto, forte, viril, de preferência com pênis grande, né, essa associação da masculinidade negra em referência ao genital, ao pênis, e o pênis grande, assim, é um grande marcador, mesmo, do que é a masculinidade negra. E qual que é o lugar, então, de um homem trans no meio de um ideal que, muito provavelmente é inalcançável, talvez, impossível, né, um tipo de compreensão física e a única coisa pra qual serve é pra alimentar um desejo, para um lugar de reprodutor, de virilidade. Não existe um reconhecimento do sujeito negro enquanto à sua intelectualidade, enquanto o seu poder como um sujeito que

pensa, como um sujeito que se articula, como um sujeito que é capaz de produzir ideias. O sujeito negro tá muito relegado a esse lugar do corpo, né? E eu tô falando mais especificamente de uma figura masculina mas, obviamente, é uma representação que se reproduz em relação às mulheres também, né. De uma hiperssexualização mesmo da mulher negra, de um lugar de ser apenas um corpo e nunca uma cabeça pensante, né, e aí, é isso, tipo, você passa de ser uma mulher negra que representava um corpo à disposição do homem branco, um corpo pra servir enquanto sexo, pra servir enquanto trabalho doméstico e passa a ser um homem negro, que, de uma outra forma, continua nesse mesmo lugar, né, do corpo pra servir a virilidade, do corpo pra servir pro sexo, o corpo pra servir a um trabalho braçal e isso altera a maneira com que a gente se relaciona com a sociedade e a sociedade se relaciona com a gente, né. Então, antes, como uma mulher negra, eu me sentia num lugar de fragilidade, de ser um alvo fácil, de ter medo de andar à noite, e aí como um corpo de um homem negro eu continuo me sentindo em um lugar de fragilidade, de ser um alvo fácil, de uma pessoa que tem medo de andar à noite, mas agora por outras razões. Porque as pessoas me enxergam como uma ameaça, como um potencial criminoso, como um potencial estuprador, ao mesmo tempo em que eu, mesmo sendo uma figura masculina, continuo tendo um receio de ser estuprado. Eu continuo tendo um corpo que é passível de ser violado em uma determinada situação. Então é uma posição também de muito conflito, de muita dualidade, em que os outros me vêem como uma ameaça mas eu continuo enxergando como alvo dessa mesma ameaça que os outros me julgam ser. É uma posição complexa. Institucionalmente, também, acho que isso muda muito a relação também, assim, tipo, como uma mulher negra eu já havia sido abordado pela polícia, né, por morar em locais de periferia, por circular com determinadas pessoas, usar um determinado tipo de roupa, mas a interação social, a interação com a institucionalidade, essa interação com a polícia, ela é completamente diferente, quando você é visto como um homem negro. Hoje, pelo menos, eu ocupo um lugar de que as pessoas, dificilmente, se elas não

souberem, elas vão olhar pra mim e pensar que eu sou uma pessoa trans, né. Eu não gosto muito desse termo, mas acho que ele explica um pouco, que é a ideia de passabilidade. Que é ninguém saber que você é trans, né, se você não quiser falar ninguém vai saber que você é trans e hoje eu me vejo e me reconheço nesse lugar. Hoje, se eu não falar sobre isso, as pessoas, automaticamente, elas não leem essa imagem, automaticamente elas veem apenas um homem negro. Mas isso te coloca num lugar de muita violência, assim, as pessoas não têm uma empatia, um cuidado, pra lidar com você, pra falar com você, pra tratar com você, você é só um corpo de um cara negro e não tem muito problema esse corpo ser exposto à violência porque é um lugar que esse corpo sempre ocupou, que esse corpo sempre esteve, é o lugar que as pessoas esperam que você esteja e, eventualmente, elas fazem algumas concessões mas essas concessões ainda te colocam em vários lugares muito pré-determinados, assim. Por exemplo, quando eu tô viajando de avião, não foi nem uma nem duas, tipo, algumas vezes já eu fui interpelado pelas pessoas achando que eu sou um artista, que eu sou cantor de rap ou de pagode, porque uma pessoa negra que acessa determinados lugares é porque chegou ali pelo estereótipo mesmo do que é possível, assim, uma pessoa negra. As pessoas se surpreendem muito quando eu digo: não, eu sou cientista político. Não só porque eu sou formado e tal, mas porque é isso, tipo, o cientista político, né, o cara é cientista e o cara sabe de política, eu acho que é um resumo, assim, de uma definição rasa, comum, né, do que seria uma intelectualidade, do que seria um cientista político e as pessoas às vezes duvidam, as pessoas não acreditam. Tipo, por quê? O que que existe em mim e o que que existe na minha figura que não é compatível com a ideia que essas pessoas têm sobre o que é ser um cientista político, sobre o que é ser um cara que tá na Academia, um cara que faz mestrado. Eu, obviamente, sei a resposta pra isso, né, mas ainda me espanta um pouco a naturalidade que às vezes as pessoas têm de fazer essa interpelação, sabe? Eu não sei se elas não se tocam ou se pra elas é tão normal, tão natural que elas, simplesmente, não veem nenhum problema em duvidar disso, em duvidar desse lugar. E

numa sociedade que é cada vez mais violenta, mas eu não sei se dá pra usar esse termo: “cada vez mais violenta”, porque é uma sociedade forjada na violência e na violência racial. Desde que o Brasil se tornou Brasil e se iniciou esse processo de colonização, o que organiza a nossa sociedade é uma violência racial, o que determina onde você vai morar, os acessos que você vai ter pra estudar, com o que você vai trabalhar, são todos processos de violência racial. Hoje, talvez, a gente tenha mais lugares de visibilidade, e, aí, de novo, essa coisa da internet, das redes sociais, você ter várias pessoas negras e pessoas trans que tão criando conteúdo e que tão falando sobre isso, você não depende de grupos de mídia tão fechados pra criar esse debate. Qualquer pessoa pode fazer um post e, se esse post viralizar, aquilo que ela disse pode se tornar um debate, uma conversa na nossa sociedade. Então hoje a gente tem a possibilidade de ter atores mais diversos pra construir os termos dessa nossa conversa, né. E nesses atores diversos a gente consegue iniciar mais conversas sobre pessoas raciais, sobre questões de gênero. Então, eu não acho que é uma sociedade mais violenta, eu acho que é uma sociedade onde a violência recebe cada vez mais visibilidade, o que, por um lado, é bom também. É importante a gente conseguir mostrar o que tá acontecendo, a gente conseguir falar sobre isso, mas, ao mesmo tempo, as coisas muitas vezes recaem em um lugar de se tornarem um produto, né, e aí marcas fazem campanhas, políticos se utilizam de determinadas campanhas, de determinados debates pra gerar visibilidade e, hoje, visibilidade também é dinheiro, né. Você pode não ter nenhum produto, nenhum objeto, nada concreto pra oferecer, mas se você tiver uma visibilidade pra oferecer, isso gera um valor muito grande. Então, ao mesmo tempo que muita coisa mudou, é muito diferente o debate sobre as questões de gênero e as questões raciais do que era há 10, 15, 20 anos atrás. E muito porque as pessoas que ocupam esses lugares, as pessoas negras, as pessoas trans, conseguiram produzir os espaços pra criar essa conversa, né, e é isso. Assim, é preciso que essas pessoas acessem determinados locais para que esses debates ocorram. É muito difícil que, sem a presença e a insistência e a persistência

dessas pessoas esses debates aconteçam espontaneamente, ao mesmo tempo que muita coisa ainda se reproduz da mesma forma. Então, ano a ano a gente vê que todo ano a gente tem um número maior de assassinatos de pessoas trans. Ah, tô falando mais sobre isso, as pessoas sabem mais o que é isso, talvez a gente imaginasse que isso criasse uma sociedade mais justa, mais tolerante, mas existe uma violência que mostra que não é isso que tá acontecendo. Enquanto algumas pessoas conseguem realmente ascender a outros lugares, conseguem acessar algumas coisas, né, e hoje, inclusive, a gente tem figuras políticas que eu considero super relevantes, nesse lugar interseccional, né, e aí eu tô pensando, especialmente, em duas figuras que são a Érica Hilton e a Érica Malunguinho, assim. E que conseguiram, lá. Érica teve números expressivos de votação pra ocupar o parlamento da maior cidade da América Latina. A Érica Malunguinho, como deputada estadual, pra ter uma cadeira pra discutir política em um estado super conservador, aí pensando pra além da capital, você tem um partido que controla o estado há mais de vinte anos. Essas figuras são super importantes, elas dizem de uma mudança mas aí você tem várias outras situações que dizem sobre o quanto as coisas não mudaram, né. As pessoas sendo assassinadas, mutiladas, e não é um simples assassinato esse assassinato das pessoas trans, são sempre situações de muita violência. Não é simplesmente a pessoa tomou um tiro, são sessenta tiros, setenta tiros. O coração da pessoa é arrancado. A pessoa é arrastada pela rua, as outras pessoas veem e não fazem nada. A pessoa leva um monte de pancada, a pessoa é atacada no rosto, o que é bastante simbólico. O rosto identifica a gente e a pessoa é atacada no rosto, tem o seu rosto desfigurado. Mas, pelo menos, as coisas acontecem e a gente consegue discutir alguma coisa sobre isso. Óbvio que isso não resolve, e é isso, tipo, todo ano aumenta o número de pessoas, nos últimos anos, e a gente sabe que o Brasil é o país que mais mata, inclusive, não só em números absolutos mas em números proporcionais, que a gente tem uma população muito grande, mas em números proporcionais, também, o número é gigantesco, né, e justamente nessa sociedade que sempre tentou passar a

imagem de uma sociedade diversa e de uma sociedade multi-cultural, de uma sociedade cordial, mas que ainda continua sendo, nos anos 2020, uma sociedade que enxerga com total abjeção e asco mesmo, nojo, né, a figura dessas pessoas. Então eu vejo mesmo o momento de conflito, de dualidade e de disputa de lugar, disputa de posição, disputa de narrativa, assim, quais são as histórias que a gente tá contando sobre pessoas trans. Hoje a gente tem algumas histórias felizes pra poder contar mas a gente ainda tem muitas e muitas histórias de terror e de horror, de relegação, mesmo, ao abismo das coisas. O suicídio é um problema central na nossa comunidade e eu vejo ainda mais dentro da comunidade trans negra. Dificilmente o suicídio acontece por um único fator, por uma única situação, né, em geral ele é o acúmulo de várias violências e aí tem muitas violências concentradas mesmo que não permitem as pessoas enxergarem alguma possibilidade, né. Não, se eu continuar mais um dia vivo pode ser que amanhã seja melhor. Mesmo que eu tenha o desejo de me matar, se eu não me matar agora, pode ser que daqui a algum tempo eu consiga construir uma vida melhor pra mim. Mas qual que é o horizonte de futuro, de possibilidade, que uma pessoa trans negra consegue enxergar quando ela se vê morando em uma periferia, sem nenhum apoio familiar, sem recursos pra se desenvolver academicamente, pra se desenvolver profissionalmente? Qual é a possibilidade de futuro que a gente consegue dar pra essas pessoas? Quem consegue se olhar, hoje, em um lugar de muita dificuldade e pensar: não, beleza, vou repetir mais um dia porque amanhã pode ser que eu seja uma próxima Érica Hilton. Na verdade, você olha e você pensa: puta, se não sou eu quem vou me matar, amanhã alguém vai me matar. Em algum beco, alguma esquina, talvez seja a polícia, talvez seja alguém que não quer pagar o programa, aí eu acho que talvez uma coisa que a gente precisa tentar começar a construir são mais essas auto-referências. Como que a gente consegue vislumbrar a possibilidade olhando para uma outra pessoa trans, olhando pra uma outra pessoa negra, olhando pra uma outra pessoa trans negra e se enxergar aí e dizer, tipo: não, beleza, tá difícil agora, mas eu também posso construir essa oportunidade, esse

lugar pra mim. Então, eu penso que uma coisa que a gente precisa construir como comunidade é mais esse lugar de auto-referência, pra gente conseguir olhar outras pessoas como a gente. Geralmente quando a gente ascende de alguma forma, o que mais acontece é quanto mais você sobe na pirâmide, mais sozinho você tá na sua diferença, né. Então, quanto mais você sobe menos pessoas trans tem, quanto mais você sobe menos pessoas negras tem. Muitas vezes você é o primeiro. Aquele primeiro que talvez tenham existido outros antes, mas que a gente não fica nem sabendo dessas pessoas, ou você é o único que tá ali. Tipo: ah, tem um lugar pra uma pessoa negra e se eu tô ocupando esse lugar aqui agora outras pessoas não vão ocupar. Então a gente precisa criar mais lugares pra que a gente possa ter mais pessoas pra olhar, pra se espelhar, e conseguir trazer mais pessoas junto com a gente, né. Puta, você fez uma perguntinha e eu falei pra caraca.

Leonardo Peçanha: Eu quero agora entrar num ponto aqui, que a gente não falou tanto mas que eu sei que você gosta ou gostava também de falar, até onde eu sei. Você assim como eu, se coloca nesse lugar. E nós já ajudamos no processo inicial de construção teoria, epistemologia ou construção coletiva, que é o transfeminismo das transmasculinidades. Eu queria que você falasse um pouquinho sobre a presença ou a participação de homens trans, pessoas transmasculinas, principalmente as negras, nesse cenário, falando de Brasil, que é um debate que aqui é muito pouco falado e que eu, Leonardo, acredito que seria uma das estratégias de percepção da nossa transmasculinidade, principalmente a negra, de proteção, de defesa, de estratégias a longo prazo, que a gente poderia, almejar uma estratégia mesmo, não só de permanecer mas, também, de demandar as nossas questões específicas. Eu queria que você falasse um pouquinho sobre a presença de homens trans no transfeminismo. O que você pensa sobre isso?

Marcelo Caetano: É, eu ainda vejo uma diferença muito grande no lugar de mulheres trans e homens trans, e aí é uma questão histórica mesmo, assim, né, tipo, as mulheres trans vêm construindo seus movimentos, vêm reivindicando seus lugares há muito mais tempo do que os homens trans, né, e aí, em geral, quando a gente fala, talvez isso esteja mudando um pouco hoje, mas, de maneira geral, quando a gente falava de transsexualidade, de pessoas trans, a figura predominante é a figura de uma mulher trans, né. Quando a gente vê algumas pesquisas pra falar de pessoas trans, assim, eu ainda observo que as pesquisas costumam ser muito referenciadas na experiência de mulheres trans e travestis. E aí, de novo, a gente faz parte desse processo histórico, né, eu não to colocando uma posição de culpabilização das mulheres trans, eu não estou dizendo: ah, elas não dão espaço, ou elas só falam de si, ou elas não abrem. Não, também são pessoas extremamente marginalizadas, violentadas. Ser uma mulher numa sociedade patriarcal como a nossa é uma posição muito difícil, né, e ser uma mulher trans é uma posição mais difícil ainda, então eu acho que, como homens trans, a gente ainda tá num estágio mais inicial, ainda está em um processo mais inicial de reconhecimento de uma luta política e de reivindicação de um lugar de sujeito político com as suas especificidades, as suas particularidades. O que é ser esse sujeito e quem são essas pessoas e do que que a gente reivindica, né, quando eu vejo discussões sobre homens trans, e, aí, conversas, na verdade, entre homens trans, eu ainda vejo uma referência muito individual, as conversas ainda giram muito entorno de hormonização, de cirurgia, de como é que é o meu processo, e essas coisas, elas são super importantes, assim, elas são vitais, assim. Eu, provavelmente, só consigo hoje conversar sobre várias outras coisas porque eu já consegui passar por alguns processos iniciais pra me sentir mais confortável com quem eu sou e poder colocar no mundo e reivindicar os meus lugares, né, então não é também uma acusação, eu não estou apontando dedos, mas eu acho ainda é uma realidade das conversas entre os homens trans ainda estarem muito mais centradas nesses debates de necessidades individuais, de uma construção de uma

imagem corporal e menos discussões sobre um lugar no espaço público, né, sobre um lugar como sujeitos políticos, mas eu acho que faz parte de um processo e, talvez, que precisa passar por essas etapas pra conseguir se consolidar. É isso, assim, acho que, sei lá, talvez agora tenha 10 anos em que a gente consegue falar homens trans, talvez um pouco menos que a gente consegue falar transmasculinidades, então tem muito pouco tempo que a gente consegue falar desse lugar e dessa experiência particular e consegue construir relatos de si mesmo, né. E pra eu existir num mundo político, pra eu existir num mundo público, eu preciso ter condições de me construir e existir dentro desse mundo privado. E aí eu não tô separando as coisas, o pessoal, ele é absolutamente político, mas eu preciso ter uma compreensão de quem eu sou como indivíduo, porque eu sou um indivíduo. Eu sou sujeito e sou uma pessoa única, né, e eu preciso conseguir me construir individualmente pra eu conseguir construir e somar dentro de um coletivo. E eu acho que é um processo que está acontecendo. Algumas pessoas, algumas conversas, algumas figuras que têm colocado esse lugar de entender e de ficar: ok! Existem especificidades, existem diferenças, né, entre ser um homem trans e ser uma mulher trans, entre ser uma pessoa trans e uma pessoa cis e eu preciso buscar reconhecimento e legitimidade pra esse lugar específico. Mas acho que ainda é muito pouco, assim, é isso, se a gente pensar em uma representação política, sem dúvida, o número eu acho que ainda é muito pequeno mas o número de mulheres trans, ele é significativamente maior do que os homens trans. Aliás, eu só conheço uma figura política, assim, uma figura política não, né, uma pessoa que ocupa uma cadeira oficial em uma representação política que é um homem trans e é uma figura que ocupa esse lugar por outras razões, né. Construiu a sua figura de um outro lugar, assim, e não tá nesse lugar por reivindicar uma trajetória política enquanto homem trans, por reivindicar a construção de uma trajetória de homens trans, né, é uma situação muito específica, muito particular mesmo. É uma pessoa que é filho de uma pessoa famosa e que tá num partido que eu considero um partido conservador, que eu considero um

partido que não tá alinhado com as pautas das pessoas trans, que não tá alinhado com as pautas das pessoas LGBT, e aí em nenhum momento, assim, eu quero deslegitimar a identidade dessa pessoa, até porque eu acho que é isso. A gente tem direito a ter a nossa individualidade e as nossas contradições, sabe? Não é porque você é uma pessoa trans que necessariamente você precisa acreditar e defender tudo que eu defendo. Eu acho isso um pouco violento, inclusive, né. É complexo, né, a gente tem, por exemplo, figuras negras que tem falas que eu considero bizarras, risíveis, assim, em relação à questão racial. Mas, sei lá, se as pessoas brancas podem ter posicionamentos estúpidos, por que as pessoas negras não podem ter posicionamentos estúpidos? Por que as pessoas negras têm que ser todas de esquerda? Pra mim faz sentido que a pessoa defenda pautas que valorizam a sua própria vida, não faz sentido que ela defenda pautas e grupos que não defendem a sua própria existência, mas, essas pessoas, elas têm direito também à contradição da sua individualidade, né. Porque elas são negras, porque elas são trans que elas têm que pensar como se fossem todas iguais. Eu acho que essas pessoas também têm direito a errarem, a serem estúpidas, falarem coisas que eu considero que não faz o menor sentido, como as pessoas brancas e cis fazem o tempo todo. Sabe, tipo, pessoas brancas e cis são estúpidas a todo momento e não são violentas ou perseguidas por isso. Então eu acho que a gente tem essa individualidade e as nossas contradições. Mas quando eu vou pensar nesse homem trans que ocupa o cargo de representação política, eu não penso nele como um político trans mas como uma pessoa que está alinhada com as pautas e reivindicações de uma comunidade, de uma coletividade. Não vejo essa pessoa também se enxergando muito bem dentro desse grupo e buscando isso, e ela tem a liberdade também de não querer isso pra vida individual dela. Ela tem essa liberdade de ter como pauta suas outras pautas, então, assim, pra mim, a gente ainda não tem uma figura política de um homem trans, né, cuja principal bandeira sejam as questões da transmasculinidade. E a gente tem algumas figuras políticas de mulheres trans cuja principal bandeira é se entenderem e reivindicarem como parte desse

movimento, parte desse lugar. Então eu acho que aí a gente ia ver uma grande diferença, né. Aí, é claro, eu tô falando de política institucional porque eu acho que é um retrato interessante pra gente pensar uma trajetória política, né. Normalmente as trajetórias começam como movimentos sociais, comunitários, mais simultâneos, e, aí, à medida que você tenha alguma figura de debate que conseguem ocupar espaços, isso, em algum momento, consegue se traduzir dentro da política estrutural. E aí eu acho que a gente ainda não conseguiu, como coletividade de homens trans, criar esses lugares e esses espaços pra conseguir traduzir isso pra dentro de uma política institucional e buscar alguma reivindicação, né. E é isso, a gente não vai conseguir juntar um grupo onde todas as pessoas tenham absolutamente as mesmas visões, das mesmas coisas, e busquem as mesmas coisas, tenham todas as mesmas pautas e eu acho que isso é normal, mas eu acho que ainda falta fortalecer os homens trans, as transmasculinidades, enquanto um grupo social, enquanto uma comunidade, onde as pessoas estejam buscando e reivindicando esses mesmos lugares, assim. E aí eu penso, às vezes, e essa é uma coisa sobre a qual eu não tenho tanta certeza, assim pra dizer: “ah, é isso ou não é isso”. Mas é uma reflexão, assim, se esse lugar da masculinidade, ele não facilita isso, sabe? Uma vez que eu passo a ocupar um lugar de homem, em tese, em uma posição de mais poder na sociedade, que eu tenho passabilidade para parar de ser reconhecido como uma pessoa trans e passo a ser reconhecido apenas como um homem, se isso não permite uma certa posição de mais conforto, um certo lugar de poder, aí, com muitas aspás porque eu não acho que é um poder real, mas, que, individualmente, te dá algum poder pra talvez você achar que não precisa construir coletivamente, que não precisa construir enquanto uma comunidade, sabe? Individualmente você conseguir acessar alguns lugares, de você conseguir acessar, talvez, uma melhor situação econômica, e isso permitir que talvez você não precise se dedicar tanto a uma luta social pra reivindicar alguns espaços, sabe? Porque é isso, porque ser um homem na nossa sociedade é uma posição de mais poder, de mais privilégio, e que se você conseguir

passar sem ninguém descobrir que você é uma pessoa trans, talvez você consiga agir como um homem cis, e aí, inclusive, reproduzindo com outras pessoas essa violência do patriarcado, mas como esse lugar, talvez, coloque os homens trans numa posição de mais conforto pra viverem mais como indivíduos e menos como sujeitos políticos. Mas é isso, é uma coisa sobre a qual eu não tenho certeza, né, eu não posso dizer: ah, não, realmente esse é o lugar que os homens trans se veem. Não tem condições de fazer isso. Mas é uma coisa que eu já observei em algumas situações, em algumas trajetórias, que eu entendo que talvez faça algum sentido, sabe? Eu, individualmente, consigo alcançar pra mim um lugar mais confortável pra existir e, agora, talvez, eu não precise me articular coletivamente. Então eu acho que falta bastante, assim, sabe, nessa caminhada de reconhecimento dos homens trans enquanto uma comunidade, enquanto uma comunidade política, que precisa, pra conquistar avanços reais, não só individuais, precisa se organizar melhor coletivamente. Acho que é um pouco disso.

Leonardo Peçanha: Beleza. Vou fazer agora a última pergunta, pra não tomar muito do seu tempo, sei que já tem um tempão.

Marcelo Caetano: Não, que isso. Eu falo pra caraca.

Leonardo Peçanha: (risos) É ótimo te ouvir! Dia 20 de fevereiro é o dia de Resistência, Luta e Visibilidade de Homens Trans e Pessoas Transmasculinas aqui no Brasil, devido ao primeiro dia do Encontro Nacional de Homens Trans, em 2015. Ano que teve o “divisor de águas”, aconteceu bastante coisa, e, principalmente, esse encontro, que foi o primeiro encontro de homens trans nacionalmente no Brasil e, por isso, ficou marcado na agenda política essa data. Queria que você falasse um pouco sobre como você vê as principais demandas específicas das transmasculinidades brasileiras e, também, aproveitando já a pergunta, que você pudesse falar para, por exemplo, uma pessoa

transmasculina, ou uma pessoa que se entendesse agora, nesse momento, por exemplo, ao ver essa entrevista, ao, sei lá, ver alguém e se identificasse dessa forma, o que você poderia deixar de relato ou pudesse falar para essa pessoa.

Marcelo Caetano: Tá. Bom, como pautas, assim, eu acho que inicialmente a gente ainda precisa de muita visibilidade, a gente ainda precisa tornar os homens trans mais visíveis, mais presentes nas conversas, mais presentes nos debates e, especialmente, os homens trans negros, a gente ainda precisa de muita visibilidade mesmo pra essas pessoas, e essa compreensão dessa intersseccionalidade mesmo, de que ser uma pessoa trans branca, ser um homem trans branco não é a mesma coisa, não significa a mesma coisa, não vem com a mesma trajetória de vida do que é ser um homem trans negro, embora, como eu disse várias vezes, sim, acho que as coisas já mudaram 4 já avançaram bastante, mas a gente precisa ser mais visível, conquistar mais voz, falar mais sobre isso, debater mais sobre isso, reivindicar mais lugares. Eu acho que uma das faltas principais que a gente tem hoje é trabalho e renda, especialmente considerando o cenário atual do país, né, a gente tá no meio de uma crise econômica global, que no Brasil tem tomado proporções, assim, gigantescas mesmo. A gente tá no meio de uma grande crise econômica no nosso país, várias pessoas voltando a passar fome, a gente tá com número recorde de desempregados e, aí, é isso, assim, você tem várias pessoas em melhores condições que, nesse momento, também estão em péssimas condições. E aí se você tem uma oportunidade de emprego e você tem uma pessoa branca, uma pessoa cis pra dar emprego, muito provavelmente essa pessoa vai receber uma oportunidade antes do que um homem trans, antes do que um homem trans negro, né. Então, se a gente tá no meio de uma crise para toda a população, essa crise, ela sempre vai bater mais forte naqueles que estão mais vulneráveis. E trabalho e renda é fundamental pra dar dignidade. Eu acho que o lugar de desempregado é uma das posições mais difíceis do Capitalismo, né. Não ter emprego, não ter uma possibilidade de se sustentar, de

sustentar a sua família, coloca a gente em uma posição de muita fragilidade, de muita vulnerabilidade. E, eventualmente, a gente faz coisas que a gente não faria em situações normais e eu acho que a gente precisa também discutir questões mais específicas de saúde de homens trans, acho que é uma conversa que a gente ainda tem muita dificuldade de fazer, assim, por várias razões, eu acho que, individualmente mesmo, muitas vezes é uma conversa desconfortável, pois nos coloca numa posição difícil, né, de lidar com o nosso corpo, o corpo com o qual muitas vezes a gente não se identifica, um corpo que, muitas vezes, a gente não quer olhar, não quer dar atenção, não quer dar autocuidado pra esse corpo, né. Tipo, se eu odeio o meu corpo, dificilmente eu vou conseguir produzir saúde e autocuidado pra esse corpo e, muitas vezes, a gente ainda tem conversas e percepções nesse sentido. De repulsa ao próprio corpo, de ódio ao próprio corpo, por não se identificar com esse corpo, então eu acho que a gente precisa reivindicar mais questões específicas em relação à saúde dos homens trans. Dentro do Sistema Único de Saúde ainda é uma grande questão, assim. Uma das coisas mais bizarras, eu acho, assim, que a gente tem é que você não consegue atendimentos de ginecologia e obstetrícia se no sistema você tiver marcado como sexo masculino. Isso parece básico, mas, ao mesmo tempo, é surreal, ainda mais hoje, onde a gente tem um processo muito facilitado de mudança de nome e gênero, que é outra coisa, assim, que eu considero uma conquista gigantesca, né. Não veio por uma lei, mas veio por uma decisão judicial do STF e era uma coisa que, cara, se alguém falasse pra mim que ia ser assim, em, sei lá, 2012/2013/2014, que a gente ia conseguir só ir no cartório mudar o nosso nome, mudar o nosso gênero, eu provavelmente teria rido, eu não acreditaria. Ainda mais no momento que foi, 2018, né, se eu não tô enganado, com todo o cenário político, assim, a gente ter um avanço desse tamanho no meio, justamente, no ano da eleição do nosso atual presidente. Pra mim essa é uma conquista política gigantesca, eu sei que ela ainda não está acessível para todo mundo, porque ainda existem custos financeiros embutidos que, pra algumas pessoas parece pequeno, mas quando você não

tem o mínimo, você não tem o básico, ter que gastar R\$100,00, R\$200,00 pra fazer uma mudança de nome é um valor muito grande. Mas a diferença do que era, né, que você precisava passar por um processo judicial, onde muitas vezes você precisava se submeter a situações humilhantes diante de juntas médicas, diante de tribunais, assim, pra ter o seu nome e o seu gênero reconhecido. Eu considero esse um dos principais avanços mesmo pra comunidade trans. Ter seu nome e seu gênero reconhecido é um negócio que abre portas pra você conseguir fazer outras coisas, pra você conseguir existir no mundo. Eu deixava de fazer várias e várias coisas que demandavam que eu apresentasse meus documentos, desde ir ao médico até entrar em um parque, em uma festa, porque eu precisava apresentar os meus documentos, então, aí você se matriculava em escola, você se matriculava em uma faculdade, você fazer uma prova de vestibular, você fazer uma prova de concurso; quando você tem um documento adequado, essas coisas se tornam possibilidades reais, então eu realmente considero uma das nossas maiores conquistas. E, aí, hoje é bem mais acessível você mudar o seu nome e o seu gênero, ou seja, o Estado brasileiro que o meu nome é Marcelo, reconhece que o meu gênero é masculino. Tá no meu documento. Não interessa, não importa o que que falem. Sabe? Tipo, cara, tá no meu documento, o Estado reconhece, isso aqui é oficial, mas se eu precisar de um atendimento ginecológico, obstétrico, eu preciso ser reconhecido como uma mulher? Isso não existe, assim, isso não faz o menor sentido. Acho que pode parecer uma coisa pequena, mas não é, sabe? É o reconhecimento da existência de uma população, cara, é o reconhecimento da dignidade dessas pessoas. Sabe? De que essas pessoas são homens, se reconhecem dessa forma, o Estado reconhece as pessoas dessa forma, mas você tem um sistema de saúde que ainda não é capaz de reconhecer as pessoas dessa forma, sabe. Esse é um exemplo de uma coisa dentro do sistema de saúde, mas acho que é um exemplo muito potente, assim, pra gente iniciar essa conversa. E por que a gente não conseguiu, os homens trans enquanto coletividade, se reunir e pressionar politicamente essa mudança? Que, provavelmente, é uma mudança de

sistema, é uma mudança tecnológica. Você precisa mudar o sistema informatizado para que ele aceite de uma outra forma. Óbvio que é uma mudança que é também política, né, mas por que a gente não conseguiu ainda se juntar como coletividade e exigir essa mudança? Tem várias pessoas que falam sobre isso e que trazem essa questão, especialmente homens trans que engravidam ou que desejam engravidar ou que passam por esse processo, né, e que muitas vezes trazem essa questão, mas a gente não conseguiu ainda se articular coletivamente pra realmente promover essa mudança, né. Então, eu acho que essas seriam algumas das coisas mais relevantes nesse momento. E a outra coisa que você falou, né, tipo, o que eu diria pra outras pessoas trans, pros outros homens trans, eu acho que a principal coisa é “não desista de você mesmo”. Muitas vezes a sua família vai desistir de você, pessoas que você tinha próximas vão desistir de você. Talvez a sua escola desista de você, o seu trabalho, a sua faculdade, mas, o mais importante, é você não desistir de você mesmo. Em alguns momentos, realmente, as coisas vão ser muito difíceis, e talvez elas se tornem até insuportáveis, mas quando a gente desiste da gente mesmo enquanto homens trans, a gente tá dando uma vitória pra quem desistiu da gente, sabe? Se você não desistir, continuar na sua caminhada, eu tenho certeza que a gente tem condições ainda de fazer grandes coisas, sabe, pra gente e pela nossa comunidade. Mas toda vez que um de nós desiste de si mesmo, a gente se torna um pouco menos, a gente perde mais um pedaço da gente, assim. A coisa mais importante que eu fiz, eu acho, como homem trans, foi ter entendido e decidido que essa era a vida que eu queria pra mim, que era essa a forma que eu me entendia e essa era a forma que eu queria e precisava existir no mundo, né. E mesmo que outras pessoas não conseguissem entender porque, outras pessoas achassem que é loucura, que era bizarro, que aquilo não fazia o menor sentido, o meu comprometimento, comprometimento em si, quem eu realmente era, era mais importante. Até porque eu não conseguiria viver de outra forma, sabe, eu não conseguiria mesmo viver de outra forma. Eu poderia não ter iniciado a transição, não ter me identificado e isso não significaria que eu era homem

trans. Significaria apenas que eu não consegui viver aquilo e, às vezes, pode ser que tenha um momento que realmente você não consiga viver como você mesmo, né. Às vezes a gente depende de outras pessoas, a gente tá em circunstâncias onde ser a gente mesmo pode nos colocar em risco maior, mas, em algum momento, ser você mesmo vai ser possível e isso vai ser o mais importante, sabe? Mesmo que as outras pessoas desistam de você, não desista de você mesmo. Acho que é isso.

Leonardo Peçanha: Beleza, Marcelo. Em relação ao acesso à universidade, uma coisa que você falou sobre a questão de estar empregado. Acaba entrando em uma discussão sobre cota para as pessoas trans. Queria que você falasse um pouquinho sobre isso: o acesso, a permanência e a conclusão do curso, na graduação ou na pós-graduação. E a última coisa, pra fechar mesmo, é uma percepção que entra numa discussão em relação às masculinidades. A ideia que para nós ser homem está num contexto diferente das masculinidades cisgêneras. E cada vez mais vem existindo outras identidades transmasculinidades que vem se distanciando da ideia de ser homem na sociedade. E não existe problema nisso. Mas por outro lado, para nós que somos homens pretos trans, ser homem negro, por exemplo, e você já falou diversas vezes aqui, está atrelado a outras questões culturais, ancestrais, que não vão dialogar com essa masculinidade universal que muitas pessoas transmasculinas, muitas das vezes, acham que vão cair apenas porque vão se identificar enquanto homens, numa tentativa, as vezes engessada, de colocar todos os homens no mesmo lugar, sem considerar o “s” das masculinidades e homens fora da masculinidade hegemônica. Então, queria que você falasse um pouco sobre essa ideia do que é ser homem trans, o que é ser homem trans nessa perspectiva, para encerrar.

Marcelo Caetano: Tá, sobre a questão nas universidades, assim, as cotas, eu acho uma ideia super interessante. Das coisas que eu acompanhei eu vi que foi uma coisa que

começou mais dentro dos programas de Pós-Graduação, do que dentro dos programas de Graduação. E, aí, eu acho que existem algumas questões, né, é isso, assim, qual é a condição que uma pessoa trans tem de acessar a Pós-Graduação se, muitas vezes, não existe a condição pra que ela complete o Ensino Básico, né, Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Mas, ao mesmo tempo, para outras pessoas trans que já alcançaram esse lugar existe uma relevância, né, existe uma necessidade, então eu jamais diria: ah, não tem que ter cota na Pós-Graduação porque é mais importante a Graduação, ou mais importante o Ensino Básico. É importante todos os lugares, né? A gente precisa ter direito e condição de acessar todos os níveis educacionais, sem que isso seja um problema. Eu confesso que eu tenho alguma preocupação em relação a fraudes desse sistema. A gente vê dentro do sistema de cotas raciais, a gente vê fraudes e tentativas de fraude, a todo momento mesmo. É uma coisa super comum de você ver: pessoas brancas tentando acessar vagas no Ensino Superior se passando por pessoas negras ou alegando ter ascendentes e familiares negros. Então a tentativa de fraude a processos de cotas, ela é uma realidade. E eu tenho uma preocupação de que isso se repita, também, em relação às cotas pras pessoas trans. Pessoas que não são trans, que não ocupam esse lugar, que não vivem essa realidade, que reivindicuem esse lugar, assim. Ao mesmo tempo, acho que é difícil também, né, como você prova e exige algum tipo de prova de que aquela pessoa realmente é trans. Ah, ela tem que parecer trans? E o que significa parecer trans? A gente vai exigir aquele mesmo esquema de junta médica que se exigia nos processos judiciais pra retificação de nome? Pra mim é muito violento, o que também não faz nenhum sentido, sabe? Então eu acho que é uma ideia que a gente ainda precisa se aprofundar, sabe? Acho que as cotas, elas são super importantes para garantir o acesso a grupos marginalizados e que, talvez, não teriam acesso sob outras discussões, mas a gente precisa discutir também, como o movimento negro vem discutindo, o que a gente faz em relação a quem tenta fraudar, né? Atualmente, de maneira geral, a reivindicação que eu vejo do movimento de negros em relação a isso é pela realização

de bancas de heteroidentificação, né. Então você faz uma banca para que, a partir do fenótipo, você avalie se aquela pessoa é realmente uma pessoa negra. Como é que a gente faz isso pra pessoas trans? Não sei se tem um jeito muito adequado de fazer isso, tentar avaliar a aparência da pessoa? Se ela se parece trans, se ela não parece? O que é parecer trans? É fazer um check-list pra ver se a pessoa cumpre tais requisitos, sacou? Ou você vai mandar a pessoa tirar a roupa pra ver se ela realmente é? Você vai pedir pra um homem trans se ele tem seios ou se ele tem as cicatrizes de uma mastectomia? Pra mim isso não faz nenhum sentido, isso é extremamente violento, mas a gente precisa, sim, pensar em formas de coibir esse tipo de fraude, porque esse tipo de fraude é real e ele existe. E ele existe mesmo, sim. Ah, eu não lembro mais qual era a outra pergunta, Léo.

Leonardo Peçanha: A outra pergunta era sobre a questão das cotas, elas podem vir também como uma reparação?

Marcelo Caetano: Ah, eu acho que todo processo de cota é, de alguma forma, um processo de reparação, né? Ele reconhece que existiram processos sociais que marginalizaram essas pessoas e, aí, de alguma forma, você reserva o lugar delas porque você entende que elas não conseguem competir dentro das mesmas condições, porque elas, historicamente, não tiveram o mesmo acesso. Então eu entendo que todo processo de ação afirmativa, ele vem também como um processo de reparação. Porque, pra você promover essa ação afirmativa, você precisa, primeiro, reconhecer que houve um processo de discriminação anterior a ele, né. Então eu entendo sim como um processo de reparação.

Leonardo Peçanha: A outra questão seria em relação às transmasculinidades, como um todo, vem surgindo diversas outras identidades transmasculines, numa tentativa de cada

vez mais se distanciar da ideia de homem, enquanto homem trans. Hoje para além de “homem trans” temos em relação a transmasculinidades pessoas que se identificam como transmasculino, transmasculine, não-binário. Não que isso seja ruim, é como cada pessoa se identifica, é diverso. Mas fica a reflexão no sentido de pensar, de perceber que os homens não são iguais e essa ideia de homem universal não chega para nós. A gente não vai cair nessa masculinidade universal. Por exemplo: homens negros, embora tenha, ali, vantagens, eles também têm dificuldades, têm problemas, passam por violência. E pra gente que é homem preto trans, isso também se dá de outra forma, então, às vezes, fica parecendo, por exemplo, que existe um receio de se colocar enquanto homem e de cair nessa masculinidade hegemônica, o que, muitas vezes, é lida como masculinidade tóxica também. E que eu percebo que às vezes pode existir um certo receio em se colocar como homem. Como você percebe isso?

Marcelo Caetano: É, eu acho que é um processo bem amplo, assim, de reconstrução do gênero, né? De maneira mais ampla mesmo, assim, do que é o gênero, do que é o masculino, o feminino e outros gêneros com os quais as pessoas se reivindicam e a ideia de não-binariedade eu acho mais do que legítimo as pessoas entenderem a sua própria trajetória, a sua própria experiência e como isso significa e ressignifica o gênero de cada um e as maneiras que as pessoas se apresentam e se representam dentro de uma sociedade que ainda é binária, que ainda tem o gênero como uma categoria central, assim, né. É isso, o gênero é uma das primeiras coisas que a gente vai descobrir sobre as pessoas, né. Quando o bebê tá lá no útero, você vai fazer um exame pra ver o genital e, a partir daquilo ali, você já determina se é um menino ou se é uma menina, você já define o gênero dela. Antes de saber, sei lá, quais são as preferências dessa pessoa, quem essa pessoa é, do que ela gosta, qual que é a subjetividade dela, a gente vai determinar o gênero dessa pessoa. Então, o gênero, ele não é uma abstração, é uma coisa concreta e ele tem implicações concretas, assim, na vida das pessoas, no dia-a-dia,

naquilo que a gente pode fazer, naquilo que a gente pode acessar, como outras pessoas observam quem a gente é, e onde a gente pode estar, as nossas possibilidades, né. Eu acho super importante a gente discutir a masculinidade, mesmo, historicamente essa figura do homem sempre foi colocada como uma figura, não sei se colocada, mas que se colocou dessa forma, como essa figura que produz a violência, mas, porque, também, historicamente, o referencial sempre foi o referencial do homem branco, né?! O sujeito de poder, ele não é o homem. O sujeito de poder é o homem cis branco. Esse é o sujeito de poder, esse é o sujeito de produção de violência em massa da nossa sociedade. Não é só o homem, é o homem específico, né?! Então, quando a gente vai falar de violências da masculinidade eu acho que é importante a gente localizar quem é essa masculinidade, quem é esse homem produtor e reprodutor de violências em massa. Mas, ao mesmo tempo, existe um lugar, também, de outras masculinidades, de outras formas, de também reproduzirem alguns desses padrões de violência. E a gente não pode negar isso. Mas, ao mesmo tempo, quando você racializa esse sujeito, quando você tem, especificamente, um sujeito negro, um homem preto, por muitas e muitas vezes ele não é o reprodutor da violência, e, sim, o receptor, o sujeito da violência, né. Historicamente homens negros vêm sendo violentados e marginalizados. A principal função da polícia é o controle de corpos negros e, especificamente, de corpos negros masculinos. Essa é a função da polícia na nossa sociedade. É controlar a masculinidade negra, é relegar a masculinidade negra a um lugar de marginalidade e de subalternidade, ou seja, a gente tem uma institucionalidade que se organiza para o controle dessas vidas. E aí eu acho que a gente não pode pensar, mesmo, todas as masculinidades da mesma forma, seja na vida cotidiana, seja nos espaços de poder, não são todos os homens que ocupam os mesmos lugares, que têm os mesmos direitos, que têm os mesmos acessos, que têm as mesmas possibilidades, né? Homens negros são mortos, são assassinados todos os dias, cotidianamente, como se não fosse nada, né. É quase a expectativa: que você seja morto ou que você seja preso. Essa é a expectativa que você tem em relação a um corpo

masculino negro. Mas a gente precisa, também, ser capaz de olhar pra gente mesmo e realizar algumas autocríticas, assim, de que maneira aquilo que a gente faz colabora, ou não, pra manutenção desses lugares esperados de masculinidade. Inclusive, muitas das vezes, da parte de homens trans para conseguirem algum tipo de respeito, de identificação, né? Você só é homem mesmo se você for forte, se você for viril, se você lidar com as outras pessoas com algum tipo de violência, e, aí, às vezes pra tentar afirmar a minha própria identidade eu reproduzo esses comportamentos pensando que é disso que eu preciso pra ser reconhecido e entendido como homem, né? Na verdade, não é isso que é ser homem, né? Pelo menos pra mim, ser homem é se identificar enquanto homem, né. É uma velha discussão do que identifica e o que define a mulher, assim como o que identifica e o que define um homem. Pra algumas pessoas é o genital, pra algumas pessoas é a maneira de se comportar. E, aí, pras mulheres: com doçura, sensibilidade, cuidado. E, pra os homens: com violência, com virilidade, com exaltação física, com força. Mas eu não acho que é nenhuma dessas coisas que define, né. O que define é a maneira com que cada um se enxerga e se entende no mundo. Eu me enxergo como homem, eu me enxergo como Marcelo, mas, pra fazer isso, eu não preciso reafirmar um lugar hegemônico de masculinidade, até porque, muitas vezes, sequer me é permitido ocupar esse lugar masculino hegemônico. O lugar masculino hegemônico é o lugar do homem branco cis. Então, ainda que eu tente ou tentasse ocupar um lugar desse, esse lugar ele não foi feito pra mim, não foi feito pra um corpo como eu, não foi feito pra uma pele como a minha, né. E, aí, eu acho que, individualmente, cada um pode se identificar da forma que quiser e aceitar ou rejeitar esse lugar de homem e de masculinidade, né, mas como sociedade a gente precisa entender que ser homem não significa ser um homem branco cis, não significa que eu ocupo essa posição de poder, que eu ocupo esse lugar de virilidade, de abuso da subjetividade do outro, né. Ser um homem tem muitas outras especificidades, né, tem muitos outros lugares onde você se

constrói como homem além desse lugar onde um homem branco cis se constrói. É mais ou menos isso.

Leonardo Peçanha: Falou. Quer falar mais alguma coisa? Tem alguma coisa que você quer acrescentar?

Marcelo Caetano: Nossa, eu já falei pra cacete. Você vai ter um trabalho danado pra editar esse negócio aí.

Leonardo Peçanha: Foi um prazer. Muito bom te ouvir. Obrigado pela entrevista Marcelo.

Marcelo Caetano: Foi muito bom, muito bom o papo, é isso.

Referências

- CAETANO, Marcelo; ARRAES, Jarid. Homem Trans e Negro nas trincheiras do cotidiano. Revista Fórum. 2015. Link: <https://revistaforum.com.br/direitos/2015/4/16/homem-trans-negro-nas-trincheiras-do-cotidiano-12265.html> ;
- SANTANA, Bruno. Pensando as transmasculinidades negras. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo. Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 95- 104;
- SANTANA, Bruno; PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto, CONCEIÇÃO, Vércio Gonçalves. Transmasculinidades Negras - Narrativas Plurais em Primeira Pessoa. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021;
- PEÇANHA, Leonardo; LUCON, Neto. Homem trans negro, Leonardo Peçanha diz: “Deixei de ser objeto para ser ameaça” Portal Geledés. 2015. <https://www.geledes.org.br/homem-trans-negro-leonardo-pecanha-diz-deixei-de-ser-objeto-para-ser-ameaca/www.negrosblogueiros.com.br>

Updating black Brazilian transmasculine reflections: Interview with political scientist Marcelo Caetano

Abstract: The debate on black transmasculinities in Brazil became public in mid-2014. In 2015, two interviews marked the presence of the black transmasculine narrative on

the national scene. One with Marcelo Caetano and another with Leonardo Peçanha. Years later, the Revista Brasileira de Estudos da Homocultura brings the two together in this interview marked by the centrality of the black transmasculine theme. Leonardo interviews his friend and political scientist Marcelo Caetano, updating and recalling reflections and specifying the demands of black Brazilian transmasculinities.

Keywords: black transmasculinities, political representation, racism, transphobia

Recebido: 01/06/2022

Aceito: 20/09/2022